

OUA DEVE SER INSTRUMENTO DE LUTA DA AFRICA NA FASE DA REVOLUÇÃO

- Presidente Samora, em Conackry

É o seguinte o discurso do Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, proferido no banquete oferecido pelo Secretário-Geral do PDG e Presidente da República da Guiné:

Estimado e respeitado Camarada
AHMED SEKOU TOURE
Secretário-Geral do PDG
Presidente da República da Guiné

Camaradas membros do Comité Central do PDG
Camaradas membros do Conselho de Ministros da República da Guiné

Senhores Embaixadores e membros do Corpo Diplomático

Camaradas
Amigos
Excelências
Minhas Senhoras e meus Senhores

Em nome do Comité Central da FRELIMO, do Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique e do Povo moçambicano, exprimo ao Camarada Ahmed Sekou Touré, ao Comité Central do PDG, ao Conselho de Ministros, ao Povo da República da Guiné e à população de Conackry, os nossos sinceros agradecimentos pelo acolhimento fraternal, caloroso e militante que nos foi reservado.

Não podemos esconder a emoção profunda que sentimos ao pisarmos de novo o solo da República da Guiné, recordando que aqui estivemos também nos anos difíceis da nossa luta armada contra o colonialismo português e o imperialismo.

Engajados e unidos no combate comum para a libertação do nosso continente, trocando as nossas experiências, forjamos, ao longo dos anos, os laços que tão fortemente unem os nossos partidos e os nossos povos.

Por isso nos encontramos sempre, como irmãos, como camaradas.

O encontro de hoje tem, no entanto, um novo significado que nos emociona profundamente: agora, nós, FRELIMO,

Povo Moçambicano, vimos aqui saudar fraternalmente o PDG, o Povo e o Governo da Guiné, não só como Movimento de Libertação, mas também, já como povo livre, como País independente e soberano que finalmente somos.

Lembrando a memória do nosso grande e inesquecível Camarada Amílcar Cabral, nós diremos, como ele dizia: agora, vimos saudar-vos como Movimento de Libertação no Poder.

A nossa emoção é grande, sobretudo porque, se é certo que a nossa liberdade, a nossa independência são o fruto da luta que o nosso povo travou durante dez longos anos, consentindo os maiores sacrifícios, é certo que são também fruto do apoio concedido pelos povos livres de África, como a República da Guiné, que desde sempre nos prestou o seu auxílio moral e material e que constituiu e constitui umas das mais seguras bases da luta de libertação do nosso continente.

Nessa luta dos povos de África pela sua libertação, o PDG, organizado e orientado pelo seu grande dirigente, o Camarada Ahmed Sekou Touré, foi pioneiro.

Firmemente aliado às massas populares, em especial nas classes trabalhadoras organizadas, o PDG lançou-se no combate para a destruição das estruturas tradicionais que serviam de corcova de transmissão do poder colonial, e fez face ao colonialismo francês, numa confrontação de alta importância histórica.

O PDG teve a grande coragem de dizer «Não» ao neocolonialismo francês. E esse vosso firme «Não» constituiu um acto de ruptura completa com o sistema colonial, deu um novo conteúdo à luta pela libertação total do país, e definiu uma nova orientação para o processo de libertação.

Ao afirmar de maneira intransigente a sua fidelidade aos princípios de liberdade e independência — afirmação que a ruptura materializa, ao promover o processo de consolidação do «Não», a Guiné tornou-se uma base segura para os movimentos de libertação, em especial para o PAIGC e portanto para todas as então colónias portuguesas.

Assim, o «Não» do PDG libertou a iniciativa e as energias do Povo guineense e ecoou através de África. A Guiné constitui pois um exemplo e estímulo para todas as forças anticolonialistas em luta pela independência dos seus povos e uma base de solidariedade activa para com essas forças.

Quer dizer: o «Não» significou um novo conteúdo para a luta de independência que implicava, a nível nacional, a independência económica e, à escala do continente, a liquidação de todos os bastiões do colonialismo e do racismo.

O PDG soube assumir as obrigações de Pioneiro que o seu próprio acto lhe impusera em relação ao combate de África pela sua libertação. Por isso o PDG e a República da Guiné e, em especial, o seu líder, o nosso grande Camarada e amigo Ahmed Sekou Touré, se situam entre os mais destacados combatentes da Unidade Africana e obrceiros da OUA.

No entanto, ao ocupar o seu lugar na primeira fila da luta pela unidade e libertação Africana, a República da Guiné expunha-se inevitavelmente aos mais cerrados ataques do inimigo.

E, com efeito, o imperialismo internacional aliado às forças reaccionárias do país, nunca cessou as acções de subversão política e económica, com tentativas de sabotagem, de incitação à desordem, de corrupção material, até que finalmente invadiu o vosso país, com forças mercenárias, em 23 de Novembro de 1970, numa tentativa desesperada de destruir as conquistas do Povo Guineense e de privar as forças anticolonialistas desta sua base.

Esta agressão militar do imperialismo foi justamente repelida graças ao PDG. A sua sólida implantação nas forças vivas da nação, a sua capacidade de mobilização e de iniciativa, que permitiram galvanizar a vigilância e a acção das massas populares.

Esta é a grande lição que o PDG e a Guiné nos dão, este é o exemplo que nos inspira a todo o continente.

No momento em que aqui nos encontramos ambos independentes e soberanos, é um

que passar para nos dizer a verdade do PDC e do seu líder e camarada Ahmed Sekou Toure, grandeza feita a memória de cada um de nós, na luta de libertação do Povo guineense e África e a Revolução.

Com esta grandeza nesta ocasião, eu fiz a OPA e nossa organização continental que soube compreender a importância da luta e da vitória do Povo guineense e proclamou o dia 22 de Novembro, Dia da Libertação da África.

Estimado e respeitado Camarada,

AHMED SEKOU TOURE

A experiência da luta armada revolucionária em Moçambique mostrou-nos a importância da ruptura como factor fundamental do processo de libertação.

As zonas libertadas foram com efeito a materialização da ruptura com o sistema capitalista e colonialista português. Ruptura violenta e revolucionária, ruptura completa, caracterizada pela destruição integral do aparelho político e administrativo e do sistema económico coloniais.

Ao longo dos anos de luta a FRELIMO lançou as bases de uma nova sociedade profundamente moçambicana e revolucionária porque determinada pelos interesses do povo, e construída pelo povo e para ele próprio.

É esta experiência que agora, já independente, pretendemos adaptar à totalidade do nosso País, tomando em consideração as novas dimensões e as condições específicas da nossa situação. Iniciamos assim a nova fase de luta pela construção do Estado de Democracia Popular, pela reconstrução nacional e pela liquidação das relações capitalistas e da exploração do homem pelo homem no nosso País.

A FRELIMO lançou uma vasta ofensiva ideológica, política e social a nível de todo o País visando a liquidação das mentalidades capitalista, colonialista e tradicionalista, habitando as massas trabalhadoras a compreenderem e a assumirem o seu papel histórico e urgente das transformações em curso, consolidando deste modo o poder da aliança operário-camponesa.

No plano económico, criticamos a agricultura como base do nosso desenvolvimento e a indústria como seu factor dinamizador, e consideramos a única solução como o eixo de todo o desenvolvimento económico da Nação.

Será na indústria e na agricultura que se realizará a orientação da FRELIMO, a partir da discussão colectiva, do planeamento colectivo e do

trabalho colectivo, elevará a agricultura da sua actual fase de subsistência à fase de agricultura desenvolvida, que impulsionará a criação da indústria transformadora e da indústria pesada, a qual, por sua vez permitirá a mecanização da agricultura num processo contínuo de crescimento económico.

Paralelamente, a nacionalização do ensino e da medicina cria condições necessárias para prestar ao povo uma educação verdadeiramente democrática e colocar ao seu alcance serviços médicos e sanitários orientados em benefício de todo o povo.

Também a nacionalização dos prédios de rendimento permitiu o acesso às cidade de cimento por aqueles que mais contribuíram para a sua construção, mas nunca lá viveram. Assim se deu um grande passo para que todo o povo tenha alojamento e, mais ainda, se provocou uma interpenetração de todas as camadas económicas e sociais que permitirá acelerar o processo de descolonização mental e cultural.

Tomando pois directamente o poder através das novas estruturas e criando condições para elevar o nível de vida da população, o povo trabalhador estabelece e consolida o Poder Popular Democrático e desenvolve o processo de criação do homem novo com uma nova mentalidade, processo desencadeado nas zonas libertadas no período da guerra popular de libertação nacional.

Por outro lado, engajando-nos no combate visando o controlo directo dos recursos naturais de Moçambique e a pôr termo ao ciclo de exportação das matérias-primas, e importação de produtos manufacturados, criaremos as condições para o estabelecimento da indústria pesada, condição base para uma verdadeira e total independência do País.

Não será fácil contudo, o caminho que nos levará a essas metas.

A economia essencialmente agrícola de Moçambique, encontrava-se totalmente orientada pelo colonialista português, como instrumento que era do imperialismo, no sentido de servir os seus próprios monopólios, os dos países imperialistas e os dos países vizinhos racistas que, todos, beneficiam da exploração de uma massa de obra escrava.

Com o fortalecimento desaperado da aliança racista na África Austral durante os últimos

anos dez anos de dominação de Moçambique pelo colonialismo, inclui-se tornou a dependência do nosso comércio exterior em relação a esses países e mais se acentuou a dependência da nossa incipiente indústria quanto ao fornecimento, por eles, de técnica, tecnologia, equipamento e semi-produtos.

Do mesmo modo decastrava, era a situação social, sanitária e cultural em que encontramos o nosso País ao assumirmos o poder.

O reverso dos fabulosos lucros que os monopólios arrancavam ao nosso povo, eram a fome, a nudez, a doença, como modo de vida.

A abundância de mão-de-obra permitia que não houvesse preocupação com a saúde ou higiene do povo, pelo que existiam pouco mais de duzentos médicos em todo o País destinados quase exclusivamente a servir a população branca das cidades.

O nível de trabalho em que era utilizada essa mão-de-obra não requeria quaisquer conhecimentos especializados, pelo que não havia a mínima preocupação com a educação do povo. O ensino oficial destinava-se aos filhos dos funcionários e empregados superiores, para formar funcionários e empregados superiores. Para os filhos do Povo moçambicano, contava-se com o ensino rudimentar das missões religiosas, que os despersonalizava, lhes inculca um espírito de submissão e inculcava uma mentalidade de escravo.

A tomada do poder pela FRELIMO em Moçambique, liberta a terra e os homens.

Perante a nossa independência os colonialistas desencadearam actos de pilhagem, destruição, sabotagem e campanhas psicológicas numa vasta acção de subversão política e económica, e como reacção inevitável às nossas vitórias na luta contra a exploração do homem pelo homem, contra o imperialismo e pela construção de uma sociedade baseada na aliança operário-camponesa.

Esta reacção do colonialismo e do imperialismo não é senão o reflexo da crise generalizada do capitalismo no nosso País, crise provocada pela nossa independência e que é nosso dever intensificar e levar até ao fim.

Estimado e respeitado Camarada

AHMED SEKOU TOURE

Estamos, engatados no mesmo combate para a consolidação da independência política e económica e, ao definirmos o estabelecimento da indústria pesada como base de uma real independência, reafirmamos a necessidade da ruptura com a forma de evolução consi-

gestões que caracterizavam o nosso continente na década de 60.

Temos que realizar uma ruptura que se estenda a todos os planos: nos hábitos, à educação, nos esquemas de pensamento, ao estilo de vida.

Uma total ruptura e sempre antagonica, visa a afirmar a nossa personalidade, significa divórcio total com os valores negativos do passado que se opõem ao progresso, determina a formação do homem novo capaz de levar a revolução ao seu termo.

Foi precisamente esta a nossa posição durante a luta e cremos que ela se impõe e com mais força ainda agora na independência.

Este combate pela independência em que a Guiné e Moçambique estão envolvidos, é na realidade o combate de todos os povos de África como de todos os povos do mundo que lutam pela construção da nova sociedade, uma sociedade alicerçada no trabalho colectivo que forja novas relações sociais de produção e, em que o trabalho ideológico, o renascimento cultural, o esforço de educação, permitirão a construção de um homem novo com uma personalidade nova.

Por isso, o combate que temos que realizar, é um combate de classe, em que as massas trabalhadoras, operárias e camponesas, dos nossos países, devem estar unidas e plenamente conscientes de que o inimigo real é o imperialismo.

Estimado e respeitado Camarada

AHMED SEKOU TOURE

No momento presente, a situação africana e internacional é caracterizada pelo facto de que dia a dia se tornam mais favoráveis as condições para a vitória dos povos e classes oprimidas.

Assim, o desmoronamento do sistema colonial-fascista português e o estabelecimento em Moçambique dum regime popular dirigido pela FRELIMO, modificou profundamente o equilíbrio existente na África Austral a favor das forças anti-imperialistas. Os movimentos nacionalistas que prosseguem o seu combate libertador vêem ampliadas as suas bases de apoio.

É desesperado perante esta situação que o inimigo directo se lança em aventuras agressivas abertas.

A recente invasão da jovem República Popular de Angola pela África do Sul — destacamento avançado do imperialismo mundial no nosso continente — com o fim de impor ao Povo angolano um regime fantoche que substitua o colonialismo português, assegurase a continuidade do processo de exploração e dominação, assim o confirma.

Saudamos aqui a grande vitória que representa para os povos africanos o triunfo do MPLA e do Povo angolano, sob a direcção do nosso camarada e amigo, Presidente Agostinho Neto.

No entanto, as derrotas do imperialismo não significam que ele desurma ou se resigna. O imperialismo procura sempre perpetuar a dominação e exploração dos povos.

Umaz vezes recorrendo a agressão aberta, outras vezes quando as condições já não o permitem, utilizando métodos subtils, proclamando mudança de política que não visam na realidade senão camuflar os mesmos desígnios exploradores e opressores, ao mesmo tempo que se prepara para uma nova escalada de violência.

Derrotada em Angola a República Sul-Africana, o imperialismo, procura relançar os seus projectos agressivos. E neste contexto que se insere a deslocação do Primeiro-Ministro racista e nazi confesso, Vorster, a Tel-Aviv, a fim de coordenar com o Governo Sionista, — agendarmos do imperialismo no Médio Oriente — um novo plano de agressão. É neste contexto também que se situa a cooperação Franco-Sul Africana no plano nuclear.

Tal é o contexto internacional da nossa luta, na fase presente.

Ele confirma que só a unidade e a acção consequente dos povos pode rechear e mesmo impedir as tentativas repetidas do imperialismo no sentido de perpetuar a sua dominação e exploração.

Ao mesmo tempo, o imperialismo luta para nos dividir, para ganhar para si alguns de nós, para criar em África bases contra os povos.

Para responder à acção do imperialismo nós devemos fazer da África uma base para os povos e a OUA, que foi e permanece um instrumento de luta contra o colonialismo e o racismo, deve ser também o instrumento de luta da África na fase da Revolução.

Para isso é necessário que a nossa unidade atinja novos estádios e tenha como cimento a Ideologia das massas trabalhadoras do nosso continente.

Um tal combate força a solidariedade para com os povos em luta contra o colonialismo.

É o motivo porque, muito antes da independência, o nosso povo fez seu o combate de libertação do povo do Zimbabwe, as nossas zonas liberadas constituíram bases seguras para as suas forças combatentes.

Na lógica deste processo, hoje que como um país independente a FRELIMO, o Governo e o Povo de Moçambique decidiram apoiar integralmente as sanções im-

tas pela comunidade internacional contra o regime ilegal, racista e minoritário de Ian Smith.

Na mesma lógica damos todo o nosso apoio ao Povo sul-africano dirigido pelo ANC, na sua resistência contra essa forma mais desumana do racismo que é o apartheid, e pela sua total emancipação económica e social.

Apoiamos também o Povo da Namíbia na sua luta contra a ocupação ilegal do seu país pelo regime colonialista de Vorster.

Nós condenamos o colonialismo francês e apoiamos a luta do povo da Costa da Somália dita francesa, assim como a luta do Povo das Ilhas Comores para defender a integridade do seu território. A POLISARIO e a República Árabe Democrática do Sara, contarão sempre com o nosso apoio na luta que estão travando contra a agressão estrangeira.

Igualmente apoiamos a heroica luta do Povo da Palestina contra o sionismo e o imperialismo e pela afirmação dos seus direitos nacionais, e apoiamos o combate dos países árabes pela recuperação dos territórios ocupados.

A FRELIMO e a República Popular de Moçambique apoiam incondicionalmente a FRELIN e a República de Timor Leste na luta corajosa que estão travando contra a ocupação da sua pátria pelas forças agressoras da Indonésia.

Nós apoiamos a luta dos povos da América Latina contra o imperialismo e exprimimos a nossa inteira solidariedade para com o Povo chileno na sua luta para abater a ditadura militar criminosa.

A FRELIMO e a República Popular de Moçambique apoiam sempre o combate dos povos oprimidos e das classes trabalhadoras dos países capitalistas.

Nós saudamos os países socialistas, nossos aliados naturais que constituem a zona libertada da humanidade e o baluarte seguro da luta dos povos contra o colonialismo, o neocolonialismo e o imperialismo, e por um mundo de progresso e de paz.

Irmãos de todos os povos que lutam contra todas as formas de dominação, opressão, exploração e discriminação, o Povo moçambicano saberá sempre cumprir o seu dever internacionalista.

Estimado e respeitado Camarada

AHMED SEKOU TOURE

Ao visitarmos agora o vosso país, queremos exprimir a vontade da FRELIMO, do Governo e do Povo de Moçambique, de desenvolver e consolidar as relações de amizade e cooperação entre as nossas

organizações e povos, e estender essas relações aos nossos dois Estados.

Estamos certos de que o reforço das nossas relações beneficiará os nossos povos respectivos e constituirá um factor de progresso para o nosso continente.

Camaradas
Amigos
Parceiros

Neste momento de profunda alegria, seja-me permitido convidar todos vós a juntarem-se a nós num brinde:

— A saúde do nosso estima-

do e respeitado Camarada Ahmed Sekou Touré, Secretário-Geral do PDG e Presidente da República da Guiné:

— A saúde dos Camaradas membros do Comité Central do PDG:

— A saúde dos Camaradas membros do Conselho de Ministros da República da Guiné:

— A saúde dos Ilustres Representantes do Corpo Diplomático e suas famílias:

— Ao reforço das relações fraternais de solidariedade e amizade entre a FRELIMO e o PDG, entre a República Popular de Moçambique e a República da Guiné;

— As novas vitórias do PDG e do Povo guineense;

— A OUA e à Unidade Africana;

— A vitória da luta justa dos povos oprimidos; e

— A REVOLUÇÃO.

A LUTA CONTINUA.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-06-12)